

A DIALÉTICA ENTRE CONTEÚDO E CONTINENTE: O caso do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) e do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM)

Artigo premiado no 3º Simpósio Brasileiro de Sintaxe Espacial.

LA DIALÉCTICA ENTRE CONTENIDO Y CONTINENTE: El caso del Museo del Hombre del Nordeste (MUHNE) y del Museo de Arte Moderno Aloísio Magalhães (MAMAM)

THE DIALECTIC BETWEEN CONTENT AND CONTINENT: The case of the Museum of Man of the Northeast (MUHNE) and the Aloísio Magalhães Museum of Modern Art (MAMAM)

RANGEL, RAFAEL CAMPOS

Mestre, Universidade Católica de Pernambuco, rafael.rangel@unicap.br

MELO, CAMILLA SASSI MAIA

Pesquisadora, Universidade Católica de Pernambuco, camillasassi13@gmail.com

CAVALCANTI, ALLANA XAVIER

Pesquisadora, Universidade Católica de Pernambuco, allana_xavier_@hotmail.com

RESUMO ¹

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que abordou a relação entre o espaço expositivo e seu acervo, investigando as propriedades espaciais e evidenciando especificidades entre obras de arte e arquitetura a partir da seleção de dois museus na cidade do Recife, Pernambuco: o Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) e o Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM). A metodologia baseou-se na Teoria da Lógica Social do Espaço (1984), também conhecida como Sintaxe Espacial, usando mapas convexas, grafos justificados e isovistas para interpretar o movimento e a visibilidade dos visitantes no ambiente museal. Os estudos revelaram dinâmicas distintas de apreciação representadas pela organização da narrativa expográfica de cada museu. No MUHNE, edifício projetado especificamente para uso museal, a pesquisa investigou como a inserção de displays e divisórias reconfigura a espacialidade original e, consequentemente, a articulação da narrativa e a definição das rotas de circulação. Em contraste, no MAMAM, uma edificação histórica adaptada, observou-se a influência da estrutura arquitetônica preexistente na experiência e o grau de interferência do acervo sobre o arranjo espacial. Conclui-se que as estratégias curatoriais e arquitetônicas estabelecem diálogos distintos entre conteúdo e continente, contribuindo para compreender como a relação é fundamental para experiência do visitante em ambos museus.

PALAVRAS-CHAVE: espaços expositivos; arquitetura; museus; propriedades espaciais; narrativa.

RESUMEN ²

Este artículo presenta los resultados de una investigación que aborda la relación entre el espacio expositivo y su colección. Se examinan las propiedades espaciales y se destacan interacciones específicas entre las obras de arte y la arquitectura a través de un estudio de caso de dos museos en Recife, Pernambuco: el Museo del Hombre del Nordeste (MUHNE) y el Museo de Arte Moderno Aloísio Magalhães (MAMAM). La metodología se basó en la Teoría de la Lógica Social del Espacio (1984) —también conocida como Sintaxis Espacial—, empleando mapas convexas, grafos justificados e isovistas para interpretar el movimiento de los visitantes y la visibilidad dentro del entorno museístico. Los estudios revelaron dinámicas de apreciación diferenciadas, reflejadas en la organización de la narrativa expositiva de cada museo. En el MUHNE —un edificio diseñado específicamente para uso museístico—, la investigación analizó cómo la incorporación de elementos expositivos y tabiques reconfigura la espacialidad original, afectando así la articulación narrativa y la definición de los recorridos de circulación. Por el contrario, en el MAMAM —un edificio histórico adaptado para uso museístico—, el estudio observó la influencia de la estructura arquitectónica preexistente en la experiencia del visitante y el grado en que la colección condicionó la disposición espacial. El estudio concluye que las estrategias curatoriales y arquitectónicas establecen diálogos distintos entre el contenido y el continente, subrayando el papel fundamental que desempeña esta relación en la experiencia del visitante en ambos museos.

PALAVRAS-CHAVE: espacios expositivos; arquitectura; museos; propiedades espaciales; narrativa.

ABSTRACT ³

This article presents the results of research addressing the relationship between exhibition space and its collection. It investigates spatial properties and highlights specific interactions between artworks and architecture through a case study of two museums in Recife, Pernambuco: the Museum of the Man of the Northeast (MUHNE) and the Aloísio Magalhães Museum of Modern Art (MAMAM). The methodology was based on the Theory of the Social Logic of Space (1984)—also known as Space Syntax—employing convex maps, justified graphs, and isovists to interpret visitor movement and visibility within the museum environment. The studies revealed distinct

dynamics of appreciation, reflected in the organization of each museum's exhibition narrative. At MUHNE—a building designed specifically for museum use—the research examined how the insertion of displays and partitions reconfigures the original spatiality, thereby affecting narrative articulation and the definition of circulation routes. In contrast, at MAMAM—a historic building adapted for museum use—the study observed the influence of the pre-existing architectural structure on the visitor experience and the extent to which the collection impacted the spatial layout. The study concludes that curatorial and architectural strategies establish distinct dialogues between content and container, underscoring the fundamental role this relationship plays in the visitor experience at both museums.

KEYWORDS: exhibition spaces; architecture; museums; spatial properties; narrative.

Recebido em: 25/06/2026

Aceito em: 01/08/2026

1 INTRODUÇÃO

Durante um longo período, os museus foram concebidos como espaços neutros, destinados a abrigar diferentes tipos de obras de arte sem estabelecer relação expressiva com o espaço físico. Com o decorrer do tempo, consolidou-se a compreensão de que os ambientes expositivos deveriam dialogar com o acervo, contribuindo para a criação de uma experiência imersiva para o visitante. Nesse contexto, os museus deixaram de se configurar como simples “cubos brancos” e passaram a constituir ambientes capazes de comunicar valores, sentimentos e modos de vida de determinadas culturas e períodos históricos (Amorim; Nóbrega, 2010).

Seguindo o pensamento da autora Sophia Psarra (2009), considera-se que a arquitetura não apenas transmite mensagens, mas também participa ativamente da construção de significados por meio da organização dos espaços. Segundo a autora, a narrativa se manifesta na arquitetura a partir do arranjo espacial, que produz efeitos específicos na percepção do visitante. No contexto museológico, essa compreensão permite reconhecer que a organização dos ambientes, dos percursos e da disposição do acervo não atua apenas como suporte da exposição, mas constitui um elemento fundamental da experiência do visitante e da própria narrativa expográfica.

Ao considerar a relação entre o campo da arte e da arquitetura, entende-se que ambas expressam valores recíprocos, sobretudo do ponto de vista espacial. Desse modo, as diferentes formas de ocupação do acervo no espaço expositivo – considerando diferentes tipos de coleção (artístico, história natural, antropológico) – podem promover diálogos e relações específicas entre conteúdo e continente explorados a partir das propriedades espaciais e da construção de sua narrativa expográfica (Montaner, 2003).

A narrativa expográfica de um ambiente museológico refere-se às estratégias de organização do espaço com o objetivo de criar efeitos particulares na percepção do visitante. A concepção das narrativas dos museus baseia-se na utilização de propriedades espaciais que, ao interagirem com o espaço físico e seus condicionantes, classificam o tipo de experiência que a curadoria pretendeu proporcionar por meio da exposição.

Já as propriedades espaciais são entendidas como as características físicas dos espaços expositivos, considerando, para a pesquisa, o conjunto de barreiras (superfícies opacas, transparentes e translúcidas) e permeabilidades (acessos e percursos). Além disso, compreende-se que os displays expostos apresentam natureza espacial variável, podendo conter esculturas, pinturas, projeções, obras e objetos de valor histórico e cultural. Para cada natureza, o espaço vai responder de maneira diferente e vice-versa, ou seja, o diálogo entre os dois campos poderá ser distinto para cada situação, e, por consequência, o arranjo espacial e artístico do museu torna-se um condicionador do olhar e do movimento do visitante a partir de uma narrativa curatorial (Rangel, 2018).

Há distintas formas de o espaço expositivo ser concebido e organizado em conjunto com os displays expostos para criar dinâmicas específicas que vão definir a narrativa do museu, e, consequentemente, a experiência do visitante. Essas especificidades podem ser discutidas à luz da Teoria da Lógica Social do Espaço (Hillier; Hanson, 1984).

Levando em consideração essa correlação entre o campo da arte e da arquitetura, destaca-se como ponto principal da pesquisa investigar as propriedades espaciais de espaços expositivos buscando evidenciar possíveis relações de especificidade entre seu acervo e o espaço que o contém em dois museus na cidade de Recife com duas configurações distintas: (i) a primeira, a partir de um edifício construído especificamente para o uso em questão e, (ii) a segunda, a partir de um edifício pré-existente a ser intervindo com um novo uso. Neste contexto, a pesquisa toma como objeto de estudo um museu projetado especificamente para abrigar uma exposição de longa duração, contemplando um acervo de natureza histórica localizado na cidade do Recife, com grande potencial de relações de especificidade entre conteúdo (coleção) e continente (espaço expositivo): o Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) e, também, uma edificação histórica reabilitada e adaptada para receber exposições temporárias de diversos artistas como meio de preservação do patrimônio arquitetônico da cidade: o Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM).

Portanto, dadas suas características relevantes, o MUHNE e o MAMAM apresentam-se como exemplares frutíferos para a pesquisa, com vistas a revelar suas dinâmicas e relações singulares de especificidade entre os campos da arte e da arquitetura. Analisam-se, assim, dois museus com características distintas: um deles, uma edificação construída para abrigar uso museal e uma exposição de longa duração; o outro, uma edificação pré-existente utilizada para abrigar diversas exposições de curta duração.

Museu do Homem do Nordeste (MUHNE)

O Museu do Homem do Nordeste (Figura 1) está localizado no bairro de Casa Forte, em Recife, no Edifício Gil Maranhão, nas dependências da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Projetado pelo arquiteto Carlos Antônio Falcão, o edifício teve sua construção finalizada em 1963, tornando-se conhecido por ser a primeira edificação projetada para abrigar um programa de museu no Estado de Pernambuco. Composto por dois pavimentos, o edifício destinava o térreo à instalação de uma exposição de longa duração, enquanto o pavimento superior era reservado a usos complementares e à realização de exposições temporárias.

Figura 1: Edifício Gil Maranhão, 2023.



Fonte: Melissa Fernandes, Folha de Pernambuco.

A primeira exposição do museu abrigava o acervo do Museu do Açúcar e do Alcool, organizado pelo sociólogo Gilberto Freyre. A partir de 1979, a exposição de longa duração passou a abrigar três acervos: os do Museu do Açúcar e do Alcool, o do Museu de Antropologia e o de Arte Popular, organizados pelo arquiteto Antônio Montenegro, com base em uma narrativa de cunho histórico-social. A partir dessa mudança na construção da narrativa, o museu passou a ser chamado de Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) (Amorim; Nóbrega, 2010).

Vinculado diretamente à Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), o museu assumiu a atribuição de preservar e documentar o patrimônio material e imaterial da cultura nordestina. Após um período de fechamento para obras de requalificação, a instituição foi reaberta ao público em 2008, apresentando sua exposição de caráter permanente, constituída por aproximadamente 15.000 peças que retratam a formação histórica e social da Região Nordeste, bem como as influências indígenas, africanas e europeias em seu processo de desenvolvimento. Após 18 anos de sua última reformulação, o Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) encontra-se temporariamente fechado para uma renovação de sua forma de expor o acervo, com o acréscimo de novas obras e o emprego de tecnologias que contribuirão na imersão do visitante.

Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM)

O Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM) relaciona-se à intervenção e ampliação de um edifício pré-existente que se limita a adaptação aos novos usos, com ampliações apenas na parte interna, já que se trata de um edifício histórico no qual se deve preservar a sua fachada e a estrutura mural, e, por isso, a sua reforma visou apenas à recepção das novas demandas referentes ao combate a incêndios, à acessibilidade e às novas instalações de segurança com o intuito de desempenhar funções mais atuais (Andrade, 2006).

A frequência de intervenções no pré-existente está associada à sua valorização, resultante da significação patrimonial de edifícios de reconhecido valor histórico e artístico ou de sítios urbanos consolidados. Portanto, os edifícios pré-existentes, de diferentes estilos e épocas de construção, vêm sendo adaptados para novos

usos, o que inclui também ampliações, construções de anexos e outras transformações do objeto arquitetônico (Andrade, 2006). Desse modo, a natureza das obras de arte (escultura, pintura, projeções etc.) tende a se adequar à natureza espacial e vice-versa. Ainda nessa conjuntura, apresentam-se como condicionantes do movimento e do olhar do visitante.

Foi por meio da atmosfera de preservação e de proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural que surgiram grande parte dos museus, teatros e cinemas no Brasil, mais especificamente na década de 20. Aproximando essa realidade do contexto local, no caso da cidade do Recife, é perceptível a riqueza cultural, patrimonial e artística, cujos usos estão localizados em edificações pré-existentes, tais como palácios, casarões e sobrados.

O MAMAM é um dos equipamentos culturais da Fundação de Cultura, pertencente à Prefeitura da Cidade do Recife, instalado em um casarão do século XIX de arquitetura eclética e localizado no bairro da Boa Vista, Recife (Figura 2). Antes de se tornar de fato um museu, teve como usos: o Clube Internacional do Recife (década de 20), a Sede da Prefeitura do Recife (entre as décadas de 30 e 70) e, por fim, a Galeria Metropolitana de Arte do Recife (década de 80). Foi a partir dos anos 80 que passou a abrigar acervos de artistas pernambucanos, os quais “eram autores clássicos e populares, com centenas de trabalhos em tela, aquarelas, cerâmicas e madeira de valor inestimável” (Diário de Pernambuco, 1981) e, no ano de 1982, foi renomeada Galeria Metropolitana de Arte Aloisio Magalhães em homenagem ao artista plástico, designer e ativista cultural pernambucano. Sendo assim, o MAMAM possui uma área de 1.800 m², dos quais 700 m² são reservados para mostras e contém três pavimentos exclusivos de salas expositivas e ainda dispõe de: biblioteca especializada em Arte Moderna e Contemporânea, reserva técnica, sala de atividades educativas, setor administrativo, auditório, cafeteria e depósito de materiais, com o intuito de funcionar como um relevante polo de exibição, divulgação e incentivo à cultura no Estado de Pernambuco (Campos, 2014).

Figura 2: Museu de Arte Moderna de Aloisio Magalhães (MAMAM).



Fonte: Edmar Melo, JC Imagem.

Objetivo Geral

Investigar as propriedades espaciais do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) e do Museu de Arte Moderna de Aloisio Magalhães (MAMAM), ambos na cidade do Recife, buscando evidenciar possíveis relações de especificidade entre seu acervo e o espaço que a contém.

Objetivos Específicos

Apresentar aspectos que revelam dinâmicas específicas de apreciação do acervo por parte dos visitantes e do objeto artístico com o espaço arquitetônico.

Documentar através de diagramas síntese os atributos referentes aos espaços expositivos dos museus selecionados;

Comparar os resultados obtidos nos dois museus analisados, considerando suas distintas configurações espaciais, narrativas expográficas e as particularidades de suas curadorias.

Metodologia

A partir do conjunto de procedimentos metodológicos, foi possível investigar as propriedades espaciais dos museus associados à narrativa expográfica, considerando três etapas de pesquisa:

a) Elaboração do referencial teórico, cujo conteúdo se refere às questões museológicas e arquitetônicas, para compreender as bases fundamentais da análise. (Amorim; Nóbrega, 2010), (Hillier; Hanson, 1984), (Montaner, 2003), (O'doherty, 2002), (Psarra, 2005), (Rangel, 2018).

b) Coleta das informações por meio de visitas aos museus selecionados. A visita se torna um procedimento indispensável para a pesquisa, tanto para o levantamento de dados a partir de registros fotográficos quanto para a análise das suas propriedades espaciais e do acervo exposto, além da necessidade de conhecê-las sob o olhar do visitante e do pesquisador.

c) Análise e interpretação dos dados coletados e sistematização dos resultados. Esta etapa baseia-se na análise dos dados por meio da Teoria da Lógica Social do Espaço, conhecida também como Sintaxe Espacial (Hillier; Hanson, 1984). Entende-se que o espaço arquitetônico possui uma reciprocidade entre a organização espacial e os padrões sociais. A partir de arranjos espaciais, o espaço físico tem a capacidade de interferir nas relações sociais, e a forma como dois ou mais espaços dialogam vai definir sua configuração espacial e sua lógica social (Hillier; Hanson, 1984).

De acordo com a abordagem da Sintaxe Espacial (Hillier; Hanson, 1984), as relações espaciais existem sempre que há algum tipo de ligação entre dois ou mais ambientes, podendo ocorrer de modo direto ou, ao contrário, ter sua conexão condicionada pela presença de um terceiro recinto, que passa a controlar o percurso entre eles. Esse princípio permite compreender o posicionamento de cada ambiente em relação aos demais e, conseqüentemente, sua configuração.

Neste contexto, a Sintaxe se apresenta como uma importante ferramenta descritiva e analítica para o estudo dos museus em questão, pois permite descrever e analisar o movimento e a visão dos visitantes, investigando as especificidades das narrativas expográficas de acordo com a intenção do artista ou do curador. Essa indução do movimento e da visão é condicionada por elementos que constituem a forma arquitetônica, como as barreiras e as permeabilidades. Entendem-se como barreiras e permeabilidades elementos como paredes, divisórias, mobiliários e as próprias obras expostas, uma vez que todos eles podem interferir no deslocamento e no campo de visão dos visitantes. Em museus, por exemplo, esculturas inseridas no centro das salas tendem a interferir diretamente no percurso e no campo visual. (Amorim; Nóbrega, 2010; Hillier; Hanson, 1984).

Considerando a identificação desses elementos que configuram o ambiente arquitetônico, a Sintaxe Espacial parte do princípio de que espaços de qualquer natureza podem ser decompostos em unidades elementares bidimensionais (Hillier; Hanson, 1984). Essas unidades são definidas de modo que todos os indivíduos que estiverem presentes nesse recinto possam percorrer e interagir simultaneamente, estabelecendo, assim, uma relação constante entre acessibilidade e visibilidade. Tais unidades recebem o nome de Espaços Convexos. Desse modo, a decomposição de uma planta baixa em um conjunto de espaços convexos de determinado arranjo pode ser representada, no plano arquitetônico, por meio de um Mapa Convexo.

Como ponto de partida para a análise, será utilizada a planta baixa dos museus, buscando identificar o conjunto de barreiras e permeabilidades inseridas no local; com o auxílio do software AutoCAD, em seguida se decompõem os espaços bidimensionais, gerando mapas convexos, seguindo estas etapas: i) as plantas baixas dos museus são inseridas no software AutoCAD; ii) as plantas baixas são decompostas em espaços convexos, considerando as barreiras, as permeabilidades e os acervos expostos no local; iii) identificam-se e marcam-se as conexões entre os espaços de acordo com as possibilidades de percurso no local. A partir desses mapas, é possível analisar a fragmentação do museu juntamente com a localização de seu acervo, as diferentes formas como a narrativa expográfica foi montada e também a integração e a conectividade entre os espaços convexos percorridos na exposição pelo visitante.

Outros aspectos relevantes analisados pela Sintaxe Espacial, a partir dos mapas convexos, são os atributos de acessibilidade e visibilidade. A acessibilidade, ou as possibilidades de percurso do visitante pelo museu, é analisada com o auxílio do software JASS. Nesse programa, os mapas convexos gerados na etapa anterior são inseridos e têm seus espaços representados por "nós", enquanto suas relações de acessibilidade com os demais ambientes são representadas por interligações. Considerando, nesta pesquisa, o ponto inicial do percurso como a entrada dos museus e os demais ambientes como possibilidades de percurso, o software gera um grafo justificado, no qual os demais espaços percorridos derivam do espaço raiz. Por meio desses grafos, torna-se possível analisar o grau de profundidade da edificação, à medida que o visitante se desloca para espaços mais distantes do ponto inicial, assim como os tipos de narrativa, que variam de acordo com as

configurações formadas por esses "nós" (Curry, 2005). Nesta pesquisa, duas classificações são de extrema importância para o entendimento das análises: i) o grafo justificado em formato anelar, que apresenta anéis em sua configuração e permite ao visitante maior possibilidade de percursos alternativos, gerando encontros e desencontros; ii) o grafo justificado em formato sequencial-linear, que não possibilita percursos alternativos e, por sua vez, favorece maior controle da narrativa expográfica, induzindo o visitante a acessar todos os ambientes até alcançar o final da exposição.

Já a visibilidade, ou a percepção do campo de visão do indivíduo ao percorrer o museu, é analisada com o auxílio das isovistas, geradas pelo software Depthmap. A partir delas, pode-se ter noção da visão serial que o visitante alcança no espaço, de acordo com as barreiras visuais e físicas existentes. As isovistas são geradas automaticamente pelo software a partir das plantas baixas elaboradas no AutoCAD. Essas vistas permitem a análise do ambiente sob o olhar do visitante, ao apresentarem o campo de visão de um ponto específico do espaço, evidenciando, dessa forma, as propriedades visuais do museu ao longo da narrativa expográfica.

Por fim, a pesquisa utiliza os mapas convexos para analisar as medidas sintáticas de conectividade e integração dos museus, geradas a partir do software Depthmap. A conectividade é analisada a partir da relação entre um espaço convexo e seus vizinhos, considerando o número de permeabilidades diretas existentes entre eles. Quanto maior o número de ligações de um espaço com os demais, mais conectado ele se apresenta; do contrário, mostra-se menos conectado. Já a integração expressa a profundidade relativa de um espaço em relação aos demais do sistema. Quanto menor essa profundidade, mais integrado é o recinto; quanto maior, mais segregado ele se apresenta (Rangel, 2018).

Esta abordagem metodológica encontra respaldo nos estudos adotados por Psarra (2005), que utiliza softwares e medidas sintáticas para demonstrar que o movimento no museu decorre da lógica das conexões entre os ambientes. Segundo a autora, essas propriedades espaciais permitem compreender como os visitantes percorrem e interagem com o acervo, traduzindo o layout em uma estrutura de visibilidade e trajetórias que organizam a experiência social do visitante.

Portanto, o conjunto de etapas metodológicas descrito é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, de forma que se torna possível compreender as relações de especificidade entre o espaço arquitetônico e o acervo artístico, influenciando a concepção projetual e expográfica e também a experiência do visitante nos museus (MUHNE e MAMAM). Desse modo, a pesquisa divide suas análises em categorias a serem analisadas: i) análise quanto ao percurso refere-se à descrição de como o visitante atravessa o museu, à existência de barreiras que condicionam o movimento e às possibilidades de deslocamento; ii) análise quanto à narrativa busca compreender como o museu relaciona seu acervo por meio da organização espacial da exposição e define o tipo de narrativa expográfica; iii) análise quanto às propriedades espaciais refere-se à configuração física do ambiente expositivo e às alterações provocadas pela inserção do acervo. Vale ressaltar que a pesquisa dos museus analisa os pavimentos de forma individual em relação às suas propriedades espaciais.

Ferramentas de inteligência artificial generativa foram utilizadas exclusivamente para revisão linguística e aprimoramento da clareza textual de trechos do manuscrito. Todas as sugestões foram avaliadas e validadas pelos autores, que permanecem integralmente responsáveis pelo conteúdo científico apresentado.

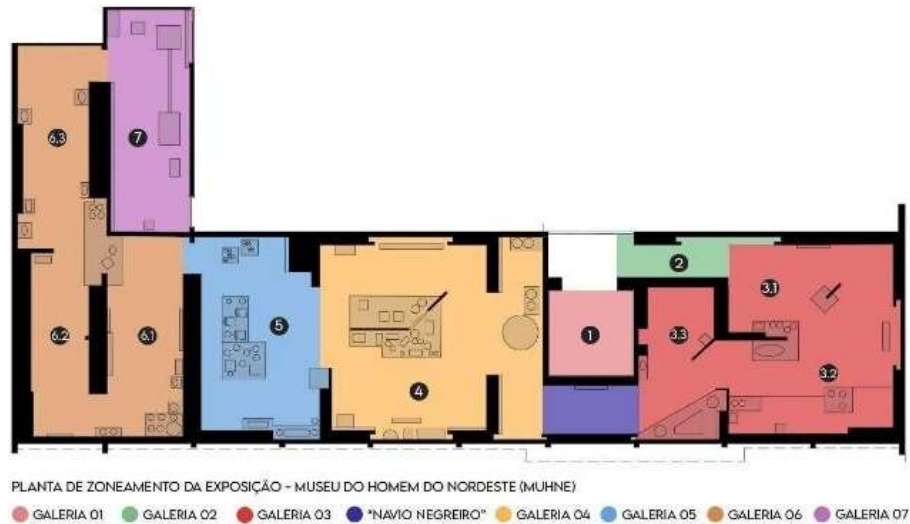
2 DESENVOLVIMENTO

Museu do Homem do Nordeste (MUHNE)

O Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) é reconhecido atualmente como uma das mais relevantes instituições museológicas de caráter histórico-antropológico do Brasil, principalmente por possuir um rico acervo composto por objetos que representam hábitos, rituais e costumes cotidianos dos povos nordestinos.

Exibido em ordem cronológica, o Museu do Homem do Nordeste se divide em sete galerias, cada uma representando um tema da exposição: (1) Chegada e apresentação geral da exposição; (2) Localização geográfica; (3) Influências externas e presenças anteriores; (4) Vida colonial: Negros; (5) Vida colonial: Brancos; (6) Religiosidade; (7) Sertão. (Nóbrega; Amorim, 2010) - Figura 3. Ressalta-se a importância de descrever analiticamente o percurso do visitante no referido museu, para que, dessa forma, seja possível revelar as especificidades entre conteúdo e continente (Figura 4).

Figura 3: Planta baixa zoneada da exposição do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), 2021.



Fonte: Camilla Sassi.

Figura 4: Conjunto de isovistas do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

Análise quanto ao percurso

Galerias 01 e 02: Ao acessar o museu pelo hall de entrada, o visitante é direcionado para o ponto inicial da narrativa expográfica, onde é conduzido a percorrer o espaço expositivo interno, o que lhe permite observar com antecipação as duas primeiras galerias que o introduzem ao conteúdo completo da exposição. A Galeria 01 (Chegada e apresentação geral da exposição) permite ao visitante um campo de visão completo de todo o conteúdo exposto, além do texto curatorial e do vídeo síntese do conteúdo temático. Da mesma forma, na

Galeria 02 (Localização geográfica), que contém os primeiros mapas e textos que descrevem a região do Nordeste, há também uma visão completa dos espaços e do acervo das duas galerias iniciais. Além da visão completa dos espaços e do acervo das duas galerias iniciais, também lhe é conferida uma visão parcial da Galeria 03 (Influências externas e presenças anteriores), permitindo ao visitante o entendimento sequencial dos espaços (Figura 5).

Figura 5: Conjunto de isovistas e imagens das galerias 01 e 02, 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

Galeria 03: O visitante tem uma visão parcial do ambiente destinado ao tema “Influências externas e presenças anteriores” em função da presença de septos ou paredes e, portanto, de barreiras que delimitam seu campo de visão, permitindo, dessa forma, criar subdivisões do conteúdo exposto – Figura 6.

Essas barreiras dividem o espaço da galeria em três momentos: no primeiro (3.1), são exibidos displays do conteúdo e da temática referente às influências dos povos ingleses no Nordeste; no segundo momento (3.2), apresentam-se objetos cuja temática se refere à influência dos povos africanos; no último momento, (3.3), o visitante é conduzido para o espaço onde se pode observar os displays temáticos da influência indígena na região.

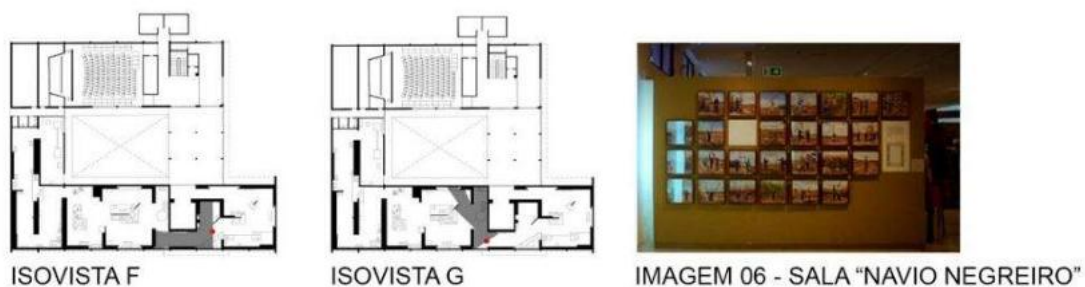
Figura 6: Conjunto de isovistas e imagens das galerias 03, 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

Galerias 04 e 05: O visitante é conduzido por um espaço com dimensões estreitas nomeado de “Navio Negreiro”, uma alusão à chegada dos povos africanos ao Brasil, e é direcionado para a galeria seguinte (Vida colonial: Negros – Figura 7) por meio de textos e objetos fixados nas paredes. Exemplo disso é o direcionamento do campo de visão do visitante para uma série de quadros que exibem cenas do cotidiano dos escravos africanos no Brasil colonial.

Figura 7: Conjunto de isovistas e imagens do espaço denominado Navio Negreiro, 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Gov.

Ao acessar a Galeria 04, o visitante tem um campo de visão amplo do ambiente, apenas interrompido pelo septo introduzido no centro da sala para exibir objetos representativos dos folguedos de influência africana na cultura brasileira – Figura 8. Dessa forma, o espaço permite que o visitante, posicionado no início da sala, possa visualizar algumas frestas da galeria seguinte, que se vai revelando aos poucos à medida que percorre as adjacências do septo.

Figura 8: Conjunto de isovistas e imagens da galeria 04, 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

A Galeria 05, por sua vez, apresenta um espaço integrado ao anterior, possibilitando uma conexão com a temática similar entre elas (Figura 9). Enquanto a Galeria 04 apresenta objetos da cultura dos povos africanos e da vida dos negros na senzala, a Galeria 05, nomeada "Casa Grande e Senzala", exibe displays que representam a vida luxuosa dos senhores de engenho em suas residências. As características do espaço permitem ao visitante a visualização de grande parte do acervo exposto, havendo apenas uma barreira física, cujo display exibe um manequim com uma peça de roupa – o que obstrui uma pequena área de visibilidade.

Figura 9: Conjunto de isovistas e imagens da galeria 05, 2021-2010.

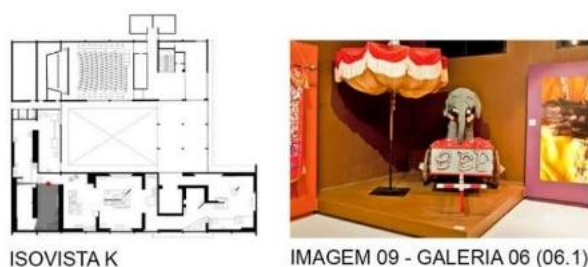


Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

Galeria 06: Representando a temática "Religiosidades", a galeria é subdividida em três salas do museu, cada uma representando uma manifestação religiosa distinta: A primeira (6.1) exibe displays referentes ao Maracatu, a segunda sala (6.2) apresenta objetos relacionados aos orixás das religiões de matriz africana e na última sala, (6.3) pode-se observar objetos originários do catolicismo.

A primeira sala da Galeria 06 intitulada "Sala do Maracatu Elefante" apresenta barreiras físicas, permitindo que o campo de visão do visitante se restrinja a esse espaço e não alcance as salas seguintes. Nesta sala, os displays oriundos do Maracatu, estão em tabladros periféricos e fixados nas paredes, possibilitando que o visitante observe todo acervo exposto de qualquer ponto do espaço expositivo – Figura 10.

Figura 10: Conjunto de isovistas e imagens da galeria 06, 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

Ao deixar a "Sala do Maracatu Elefante" (6.1), o visitante alcança a sala seguinte (6.2), intitulada "Sala dos Orixás", que apresenta displays referentes às divindades das religiões de matriz africana. O espaço apresenta todos os displays fixados nas paredes, com apenas pequenos septos sacados para exibir textos e fotografias. Dessa forma, o espaço proporciona um amplo campo de visão ao visitante por toda a sala, abrangendo até o espaço seguinte (Figura 11).

Figura 11: Conjunto de isovistas e imagens da galeria 06, 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

A última sala (6.3) da Galeria 6, nomeada como "Sala do Catolicismo", exibe objetos e esculturas referentes à religião católica. Assim como na sala anterior (6.2), os displays situam-se na periferia, permitindo ao visitante uma extensa visibilidade do espaço e, portanto, de grande parte do acervo – Figura 12.

Figura 12: Conjunto de isovistas e imagens da galeria 06, 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

Galeria 07: A última galeria do museu, representando o conteúdo e temática "Sertão", apresenta displays e objetos que caracterizam a vida do homem no sertão nordestino. Por um lado, o espaço é delimitado por barreiras que impedem o visitante da visualização dos espaços acessados anteriormente. Por outro lado, o espaço se encontra livre de barreiras, possuindo apenas obstruções de visibilidade geradas por objetos expostos. A porta de vidro que se encontra no final da Galeria 07, possibilitando a visão do pátio interno do Edifício Gil Maranhão, marca o final da exposição – Figura 13.

Figura 13: Conjunto de isovistas e imagens da galeria 07, 2021-2010.



Fonte: Camilla Sassi; Acervo Fundação Joaquim Nabuco Flickr.

Análise quanto a narrativa

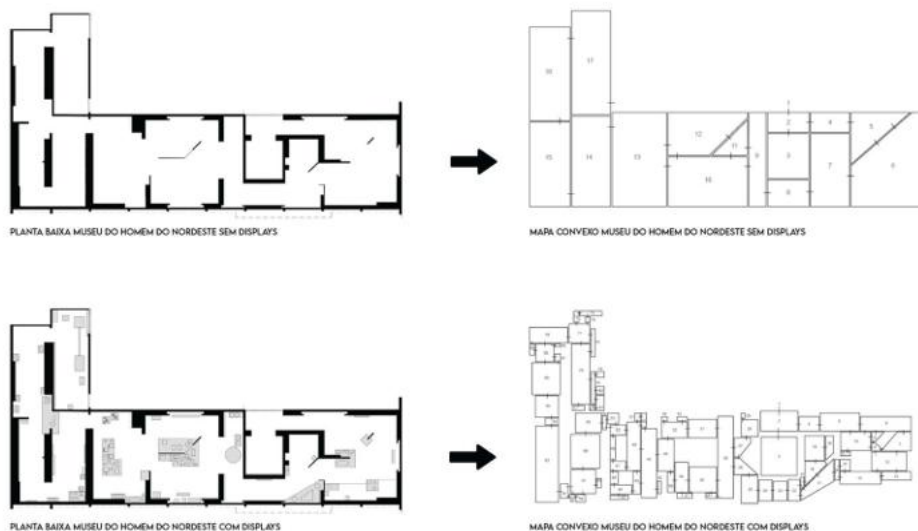
Pôde-se identificar, durante a análise do percurso, alguns recursos utilizados pela arquitetura que buscam dialogar com o acervo exposto: (i) a inserção de septos e barreiras que buscam favorecer pausas ou interrupções entre espaços com temáticas distintas; (ii) a permeabilidade entre espaços com temáticas semelhantes; (iii) o uso de espaços "preparatórios" que introduzem o visitante ao conteúdo seguinte e, por fim, (iv) barreiras que sugerem o enquadramento do campo de visão do visitante ao estabelecer uma conexão com a temática exposta em cada galeria. Dessa forma, a partir das especificidades identificadas, nota-se que a narrativa do museu é marcada por intervalos temáticos que conduzem o movimento e o olhar do visitante, além de proporcionar a exploração guiada pela expectativa do que está "por vir" no próximo espaço.

O Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), portanto, apresenta atributos para ser considerado como uma narrativa expográfica anelar, conforme indicam os seus grafos justificados. Apesar de possuir uma narrativa de ordem sequencial, a possibilidade de dois acessos no espaço arquitetônico, sendo o primeiro pelo hall de entrada da Galeria 01 e o outro pela saída da Galeria 07, altera a configuração do percurso do museu, que passa a apresentar um anel em sua estrutura. Ou seja, essa configuração permite rotas alternativas entre seus espaços, de maneira a favorecer o surgimento de encontros e desencontros entre os visitantes.

Análise quanto às propriedades espaciais

Percebe-se uma grande mudança nos grafos justificados nas condições "com" e "sem" os displays (Figura 14). A fragmentação do percurso com a introdução dos displays ocasiona uma notável mudança no número de espaços convexos, que até então não passavam de 17 (dezessete), aumentando consideravelmente para 82 (oitenta e dois). Esses acréscimos das subdivisões espaciais fazem com que o grau de profundidade também aumente, passando de 7 (sete) para 20 (vinte).

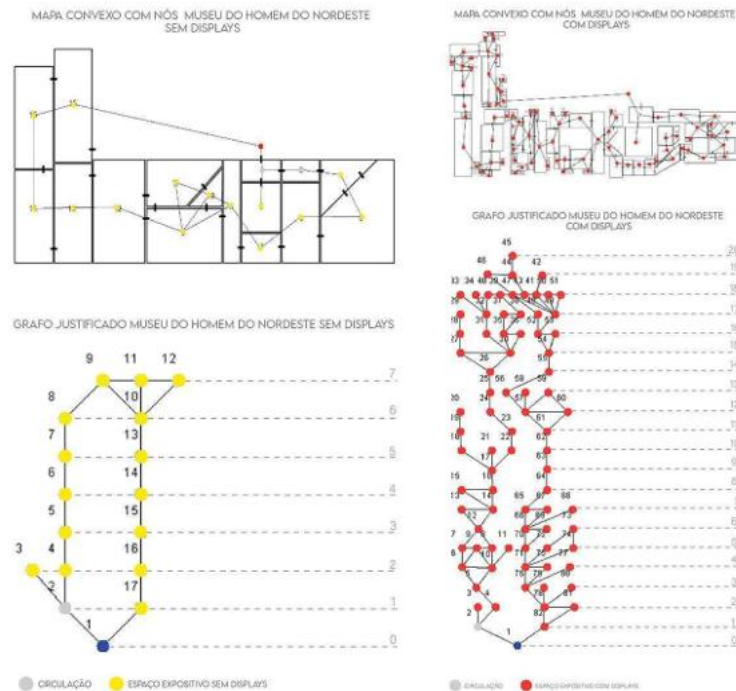
Figura 14: Transformação da planta baixa do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE em Mapa Convexo), 2021.



Fonte: Camilla Sassi.

Ao comparar os dois grafos (Figuras 14 e 15), nota-se que o sem displays apresenta apenas um anel no sistema a parte do percurso principal, originado do septo situado no centro da Galeria 04, nomeada como "Vida colonial: Negros".

Figura 15: Grafo justificado do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) sem e com displays, 2021.

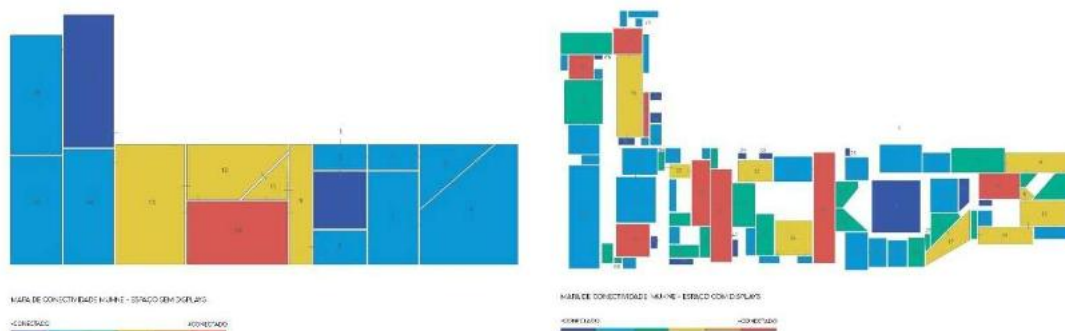


Fonte: Camilla Sassi.

A inserção dos displays no espaço, muitos de caráter escultórico, favorece que o visitante os circunde como rota alternativa de percurso, o que acaba interferindo em grande medida no modo como o visitante se movimenta no espaço expositivo como um todo. Dessa forma, identifica-se a formação de mais anéis ao longo do percurso, onde se encontram esses tipos de displays, assim como também ocorre de maneira pontual em algumas narrativas sequenciais.

Trazendo os mapas convexas e os mapas de conectividade e integração como complemento das análises do Museu do Homem do Nordeste, é possível notar como a fragmentação dos espaços a partir da introdução dos displays se refletiu em novos valores de conectividade e integração (Figuras 16). Observa-se que a inserção dos displays fragmentou o museu com quase o quintuplo dos espaços convexas, quando comparado com a estrutura espacial sem displays; consequentemente, a conectividade dos espaços aumentou consideravelmente.

Figura 16: Conjunto de mapas de conectividade do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), 2021.

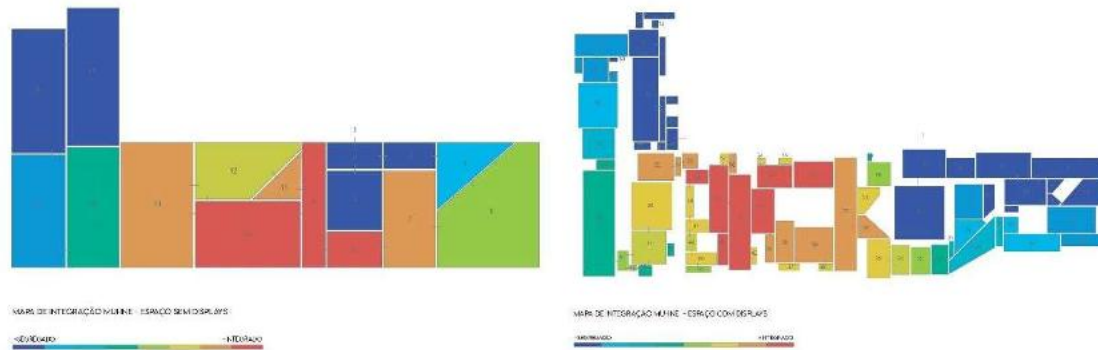


Fonte: Camilla Sassi.

Pode-se perceber o acréscimo da conectividade em alguns aspectos do mapa convexo: o primeiro exemplo são as galerias 04 e 05, que possuem os espaços mais conectados no mapa sem displays, com o máximo de quatro ligações entre eles. A inserção do acervo nos espaços gerou novas conexões, as quais passaram a apresentar de três a seis ligações, além de oferecer novas alternativas de movimento ao visitante. No

segundo exemplo (Figura 17), percebe-se, no mapa de conectividade sem displays, que nenhum espaço em suas extremidades ultrapassa duas ligações entre si, enquanto a fragmentação pela inserção do acervo na estrutura espacial apresentou espaços com até cinco ligações. Vale ressaltar que os espaços mais segregados no mapa de conectividade da exposição com displays são aqueles formados a partir da implantação de objetos de caráter escultórico, que, como consequência, formam anéis no percurso do visitante.

Figura 17: Conjunto de mapas de integração do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), 2021.



Fonte: Camilla Sassi.

Do ponto de vista da integração, destaca-se que percursos com configuração anelar são mais propícios a apresentar espaços com extremidades mais segregadas e centros mais integrados.

Essa condição já pode ser evidenciada no mapa de integração do museu na condição "sem" displays: ao todo, suas extremidades apresentam 7 (sete) espaços na cor azul — mais segregados e menos acessíveis aos demais. Com a introdução dos displays no layout, essa diferença fica ainda mais marcante, e o total de espaços na cor azul aumenta consideravelmente para 38 (trinta e oito). Consequentemente, as extremidades do museu acabam se tornando mais profundas e segregadas do sistema, ou seja, tais espaços demonstram a necessidade de o visitante retornar a eles, previamente vistos, para poder acessar os demais ambientes.

A fragmentação observada com a inserção dos displays se aproxima das considerações de Psarra (2005) sobre a capacidade do arranjo expositivo de criar subdivisões internas que modificam a lógica original do edifício, permitindo que o visitante estabeleça novas relações com o espaço, tornando a mensagem expográfica mais fluida e dinâmica.

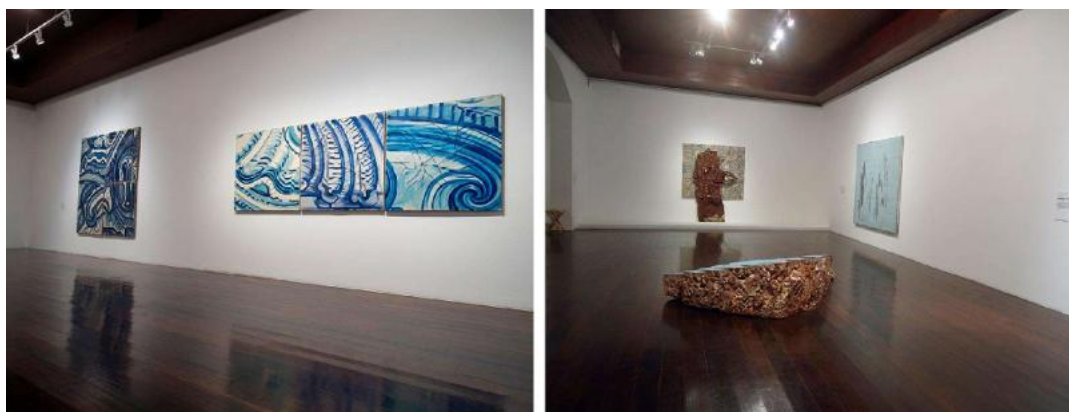
Dessa forma, identifica-se que os espaços mais integrados do sistema são aqueles que estão no centro da forma anelar do percurso, já que possuem maior possibilidade de rotas alternativas para os demais espaços. Portanto, é importante destacar que mesmo considerando uma narrativa de caráter sequencial, o percurso anelar não permite que o visitante fique limitado a um único tipo de experiência no espaço. Ao demandar retornos e criar intervalos entre as galerias, além das conexões entre o acervo e o objeto arquitetônico, o visitante fica suscetível a diversas possibilidades de rotas alternativas dentro da narrativa expográfica.

Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM)

A narrativa do visitante no Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM) inicia-se no pavimento térreo. O primeiro contato com a edificação ocorre na recepção, cuja paginação em azulejos remete à preocupação com a preservação do edifício em seu novo uso. Nesse ponto, os monitores orientam o visitante sobre a exposição e o itinerário. A partir daí, o percurso conduz à circulação principal: à esquerda, localiza-se a escada de acesso ao pavimento 1; à direita, a entrada da primeira sala expositiva; em frente, a loja.

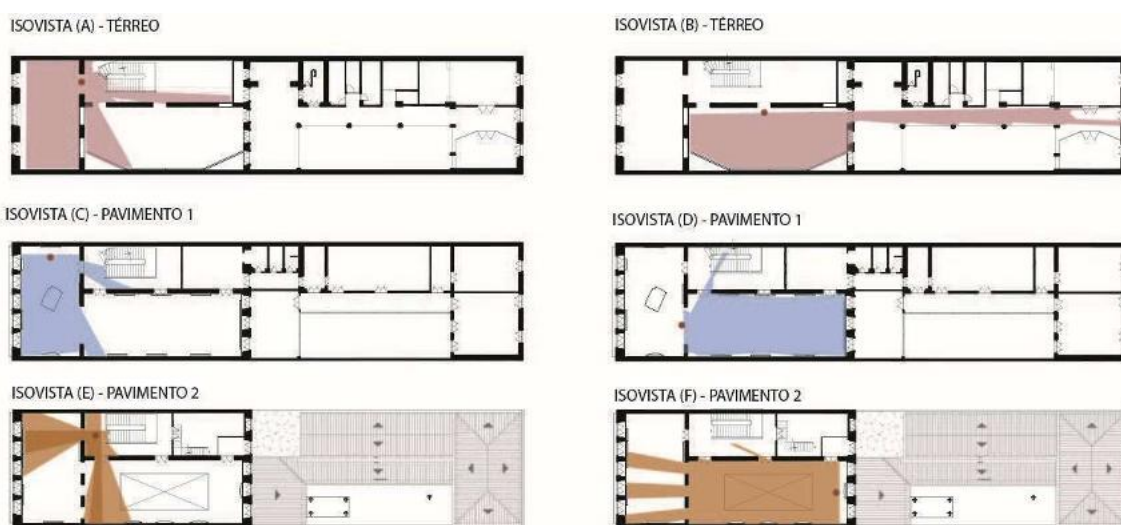
A exposição temporária analisada corresponde à "Por uma retórica canibal", realizada em 2019, com obras da artista Adriana Varejão e curadoria de Luisa Duarte (Figuras 18, 19 e 20). A mostra reuniu 25 obras, entre pinturas, esculturas e projeções em vídeo. Seu percurso se inicia no pavimento térreo, na primeira sala expositiva, marcada pela presença de painéis com projeções audiovisuais. Nesse ambiente, o visitante pode apropriar-se livremente do local para assistir aos quatro filmes da videoinstalação "Transbarroco", que propõe um olhar crítico sobre a sociedade por meio de fatos históricos e da recriação de imagens inspiradas, sobretudo, no barroco brasileiro. Observa-se, no espaço, um percurso nesse espaço é livre, com assentos destinados à contemplação das filmagens.

Figura 18: Conjunto de imagens do percurso interno no Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), 2021.



Fonte: Allana Xavier.

Figura 19: Concepção das Isovistas do Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães com obras, 2021.



Fonte: Allana Xavier.

Figura 20: Percurso interno no Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães no térreo, 2021.



Fonte: Allana Xavier.

Para dar continuidade à visita, é necessário utilizar a circulação vertical localizada no corredor principal do museu, também preservada como elemento da edificação. Ao chegar no primeiro pavimento, o visitante é recebido por uma porta aberta, que sinaliza o início do novo trecho do percurso. Na sala expositiva, destacam-

se obras escultóricas, entre elas “Ruína de Charque”, inserida no piso, no centro do ambiente. Essa obra não se configura como barreira visual, mas sim como uma barreira física, favorecendo a circulação em volta da escultura, de modo que o visitante seja conduzido à sala adjacente. A interligação entre os ambientes ocorre por meio de um pórtico, o que torna o conjunto permeável e visualmente livre. Nesse pavimento, há ainda a presença de um mezanino, que desperta a curiosidade do observador ao indicar a continuidade da exposição em um nível superior (Figura 21). Em razão da amplitude visual do ambiente, as obras se concentram nas paredes, favorecendo a contemplação sem grandes obstruções. Observa-se também que as janelas voltadas para o Rio Capibaribe, localizado na Rua da Aurora, e para o pátio interno da edificação foram fechadas e cobertas com gesso, em função da necessidade de ampliar as superfícies destinadas à fixação das obras nas paredes. O mesmo procedimento pode ser identificado no pavimento seguinte e no térreo da edificação.

Figura 21: Percurso interno no Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães no 1º pavimento, 2019.



Fonte: Flávio Lamenha.

Em seguida, o visitante se dirige novamente à circulação vertical para acessar o segundo pavimento. Nesse nível, o ingresso ocorre por três portas, todas abertas, o que amplia a liberdade de escolha no prosseguimento da visita (Figura 22). As obras, embora escultóricas, encontram-se fixadas nas paredes. Desse modo, percebe-se que a exposição temporária "Por uma retórica canibal" é conduzida principalmente pela circulação vertical, pela abertura e pelo fechamento das portas e pela visualização do mezanino. Em razão disso, há pouca interferência visual, assim como poucos encontros e desencontros ao longo do percurso, o que revela uma exposição fluida e de caráter predominantemente pictórico, sem alterações significativas no arranjo espacial do ambiente.

Figura 22: Percurso interno no Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães no 2º pavimento, 2019.



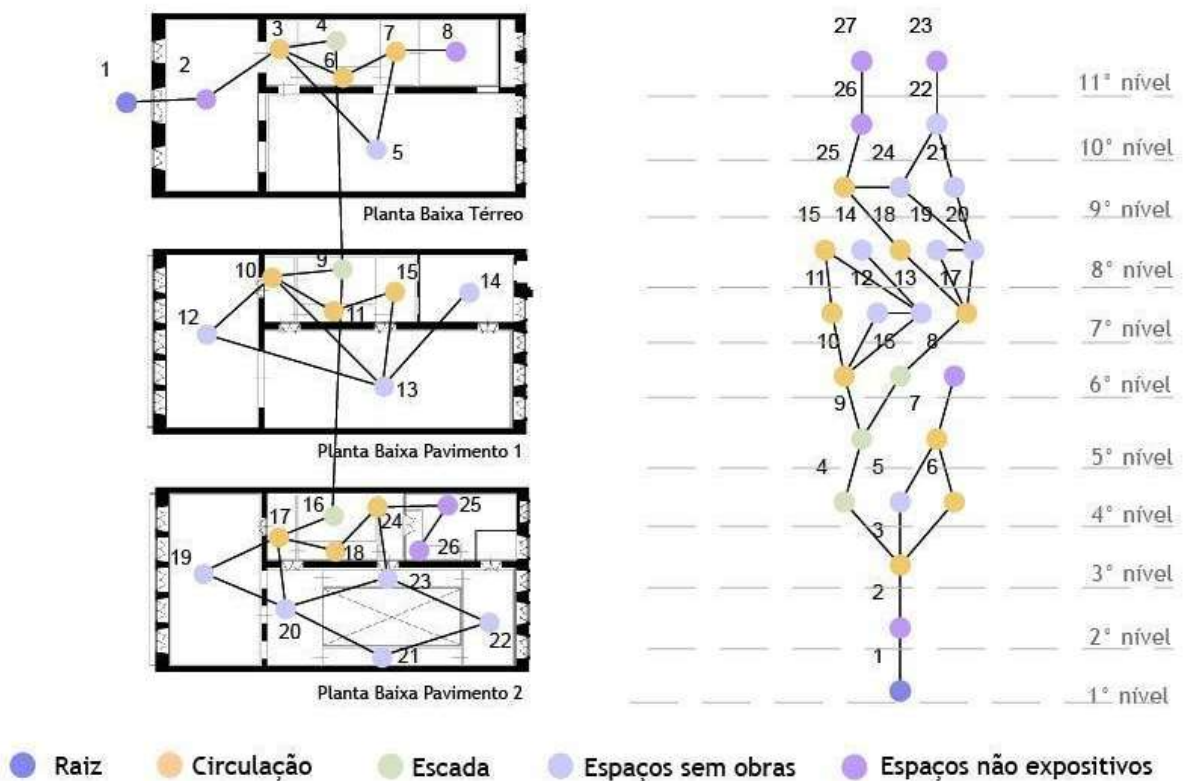
Fonte: Flávio Lamenha.

Análise quanto à narrativa

Constata-se, portanto, que, ao longo do percurso, há o emprego de recursos arquitetônicos que dialogam com o acervo exposto. i) O fechamento de portas e janelas nas salas expositivas voltadas para a Rua da Aurora e para o pátio interno do museu evidencia a necessidade de ampliar as superfícies disponíveis para a acomodação das obras; ii) a organização da exposição permanece condicionada à configuração arquitetônica existente, uma vez que o edifício, por receber diversas exposições temporárias, não demandaria alterações significativas em sua estrutura espacial. Isso o diferencia do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), analisado anteriormente, que, por abrigar uma exposição de longa duração, passou por diversas alterações espaciais para favorecer o acervo exposto; iii) a escada principal e o mezanino configuram-se como elementos centrais na construção da narrativa expográfica, pois conduzem e orientam o visitante na exploração do edifício; iv) observa-se ainda que a própria arquitetura favorece uma exposição de caráter predominantemente pictórico, já que concentra a fixação das obras nas paredes e propicia um percurso fluido, com poucas barreiras e reduzidas possibilidades de escolha; v) por fim, o direcionamento do início e do término da visita ocorre por meio da escada principal, sem exigir retomadas do percurso.

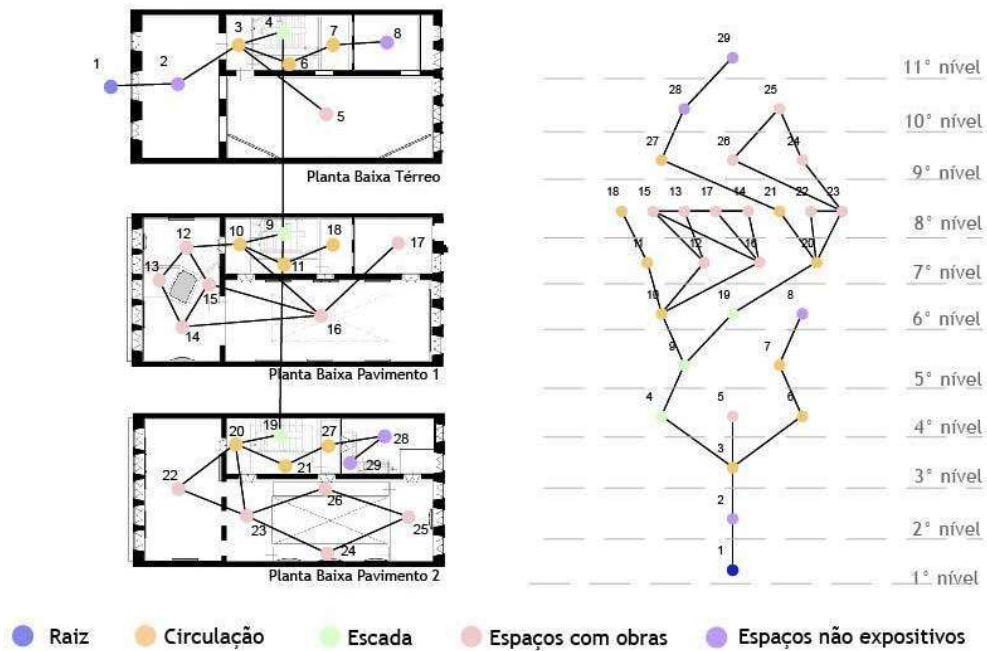
Ao comparar as configurações com e sem obras (Figuras 23 e 24), verifica-se que o percurso descrito apresenta uma narrativa expográfica sequencial, conforme indica o grafo justificado do MAMAM. Isso ocorre porque o edifício oferece ao visitante um direcionamento contínuo de rotas e percursos por meio da circulação vertical (pontos 4, 9 e 19), sem obstáculos significativos. Desse modo, percebe-se que a exposição se inicia no nível 4 (ponto 5), embora a movimentação efetiva da narrativa se estabeleça, de fato, no nível 7 (pontos 12 e 16).

Figura 23: Concepção do grafo justificado do MAMAM sem obras, 2021.



Fonte: Allana Xavier.

Figura 24: Concepção do grafo justificado do MAMAM com obras, 2021.



Fonte: Allana Xavier.

Análise quanto às propriedades espaciais

Observa-se, nos grafos justificados "sem obras" e "com obras", que a incorporação das obras de arte pouco alterou o arranjo espacial do museu. Na configuração sem obras, os espaços convexos totalizavam 26 (vinte e seis), enquanto, na configuração com obras, passaram a 29 (vinte e nove). A principal alteração decorre da inserção da obra "Ruína de Charque" no centro da primeira sala expositiva do primeiro pavimento (Figura 25), o que passou a gerar um percurso bifurcado em meio ao caminho sequencial (pontos 12, 13, 14 e 15). Fica evidente, portanto, que a maior parte das obras se encontra disposta junto às paredes do museu. Mesmo aquelas de caráter escultórico não promovem mudanças expressivas na configuração do percurso, pois não criam barreiras significativas, quer físicas ou visuais. O único encontro e desencontro mais evidente ocorre em torno da obra "Ruína de Charque", fazendo com que, de modo geral, o percurso e a narrativa se mantenham fluidos do ponto de vista da acessibilidade e da visibilidade.

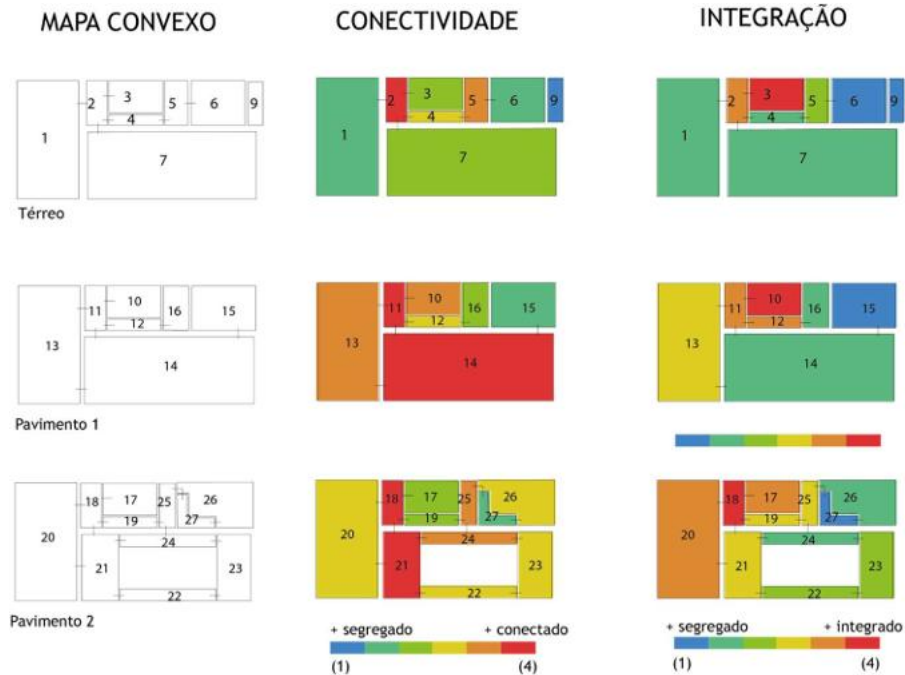
Figura 25: Obra Ruína de Charque no 1º pavimento do Museu de Arte Modernas Aloisio Magalhães, 2019.



Fonte: Flávio Lamenha.

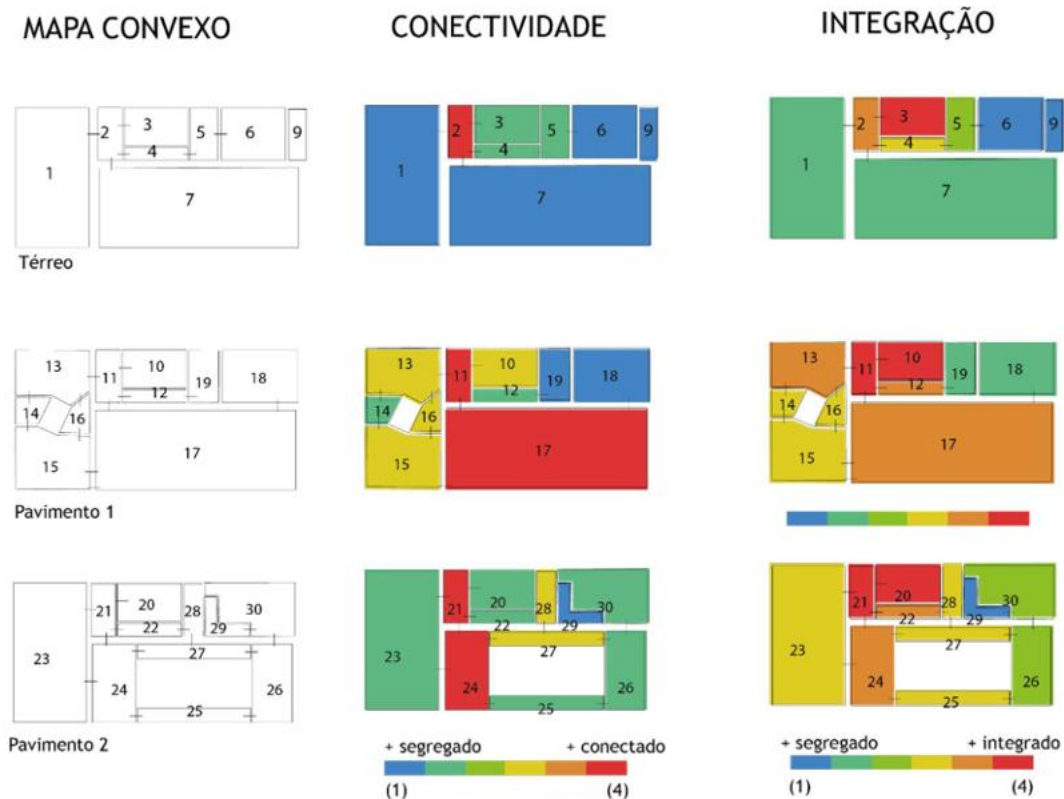
Tomando os mapas convexos, de conectividade e de integração como complementares à análise do MAMAM, percebe-se que a inserção das obras quase não provocou fragmentação dos ambientes em termos de integração (Figuras 26 e 27). Houve, contudo, alteração nos valores de conectividade, sobretudo em função da inserção da obra "Ruína de Charque" e do fechamento de portas e acessos.

Figura 26: Conjunto de mapas de conectividade e integração do MAMAM sem obras, 2021.



Fonte: Allana Xavier

Figura 27: Conjunto de mapas de conectividade e integração do MAMAM com obras, 2021.



Fonte: Allana Xavier.

3 CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou a relevância de investigar as relações de especificidade entre espaço arquitetônico e acervo exposto, compreendendo que tais relações interferem diretamente na construção da narrativa expográfica e, conseqüentemente, na experiência do visitante. Ao analisar dois museus que possuem configurações distintas — um edifício construído especificamente para ser um museu e abrigar uma exposição de longa duração — e outro edifício histórico preexistente adaptado para receber diversas exposições temporárias — foi possível compreender como a arquitetura, a curadoria e o acervo exposto atuaram de forma conjunta na organização do percurso e da visibilidade, com a inserção das obras no espaço para gerar dinâmicas de apreciação.

No caso do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), os resultados mostraram que a relação entre a curadoria e a arquitetura desempenhou um papel fundamental na construção da narrativa expográfica. A inserção de displays, septos e barreiras promoveu alterações de extrema importância na organização espacial do museu, fragmentando o percurso, criando galerias temáticas e favorecendo intervalos narrativos entre os espaços que proporcionaram uma conexão específica de cada galeria com as obras dispostas nela. Desse modo, a exposição não apenas ocupou o edifício, mas o reconfigurou em sua espacialidade de maneira a orientar o olhar e o movimento do visitante. Nesse sentido, o MUHNE confirmou a hipótese de que, em edifícios concebidos para abrigar exposições de longa duração, o diálogo entre curadoria e arquitetura pode criar uma totalidade entre conteúdo e continente, contribuindo para uma experiência mais imersiva e para uma narrativa expográfica mais dinâmica, evidenciada a partir de seu percurso de caráter anelar.

Já no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), a análise dos diagramas documentados revelou uma condição distinta. Por se tratar de uma edificação histórica adaptada para receber exposições temporárias, a configuração arquitetônica existente mostrou-se mais determinante para a narrativa do que a própria inserção das obras. Diferentemente do MUHNE, a exposição temporária analisada quase não alterou o arranjo espacial do edifício, uma vez que a maior parte das obras se concentrou nas paredes e apenas pontualmente interferiu no percurso, como no caso da obra "Ruína de Charque". Assim, a narrativa expográfica no MAMAM foi conduzida principalmente pela circulação vertical, pela abertura e pelo fechamento de portas, pelo mezanino e pela própria lógica distributiva dos pavimentos, resultando em um percurso mais sequencial, fluido e com reduzidas possibilidades de escolha. Com isso, o estudo evidenciou que, em ambientes adaptados e de caráter mais neutro, é a própria arquitetura que tende a condicionar a organização da exposição e a experiência do visitante.

Por fim, nota-se que os dois museus evidenciaram particularidades importantes: no MUHNE, a curadoria e o acervo alteram de maneira expressiva a configuração espacial para promover a imersão do visitante; no MAMAM, a estrutura arquitetônica preexistente impõe maiores condicionantes à narrativa expográfica, que se utiliza de suas obras para criar condicionantes físicos e visuais no espaço que otimizam a experiência do visitante.

Dessa forma, conclui-se que a pesquisa não se limita a descrever dois exemplos de exposições museais, mas contribui para aprofundar a compreensão das diferentes formas pelas quais arquitetura e acervo podem estabelecer relações de especificidade. Vale ressaltar que a pesquisa não determina necessariamente aspectos qualitativos dos edifícios, mas possibilita o aprofundamento das distintas formas de organização dos espaços e das dinâmicas específicas de apreciação de obras, com o intuito de impulsionar a conexão e a qualidade exploratória entre o campo da arquitetura e o da museologia.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, L. M. E. O Projeto como Instrumento para a Materialização da Arquitetura: ensino, pesquisa e prática. VI PROJETER. **Anais do [...]**. Salvador, setembro de 2013, s/p.
- CAMPOS, A. C. **Visitas mediadas no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 120 p., 2014.
- COSTA, R. X. Expografia moderna e contemporânea: Diálogos entre arte e arquitetura. Universidade Federal da Paraíba. In: III SEMINÁRIO IBEROAMERICANO DE INVESTIGACIÓN EN MUSEOLOGIA. **Series de Investigación Iberoamericana en Museología - Museos y Arquitectura**. Madrid, Espanha: ICOM / Universidade Autónoma de Madrid, 2011. v. 08. p. 67-78.
- GALVÃO, G. K. A. A relação museu-visitante: o caso do Museu do Homem do Nordeste. XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH). **Anais do [...]**. São Paulo, julho 2011.
- HILLIER, B.; HANSON, J. **The Social Logic of Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MONTANER, J. M. **Museus para o século XXI**. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

MELO, E. Fachada do Mamam na Rua da Aurora, 265. JC Imagem, [20--?]. 1 fotografia. In: MUSEU DE ARTE MODERNA ALOÍSIO MAGALHÃES. **Blog do MAMAM**. Recife, [20--?]. Disponível em: <https://blogmamam.wordpress.com/paginainicial/>. Acesso em: 12 jul. 2026.

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE. **Galeria de fotos no Flickr**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, [20--?]. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/museudohomemdonordeste/>. Acesso em: 12 jul. 2026.

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE. **Museu do Homem do Nordeste 360°**. [S. l.]: Youtube, 21 mar. 2017. 1 vídeo (3 min 19 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ECQJhxjMfc>. Acesso em: 12 jul. 2026.

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE. **Museu do Homem do Nordeste 360°**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2017. 1 vídeo. Disponível em: <http://museu.fundaj.gov.br/>. Acesso em: 13 jul. 2026.

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE. **Povo sertanejo**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, [2010]. 1 fotografia. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g304560-d2359603-i75258602-Homem_do_Nordeste_Museum-Recife_State_of_Pernambuco.html. Acesso em: 12 jul. 2026.

NÓBREGA, L. M. AMORIM, L. M. E. Arquitetura e Narrativa: Um estudo analítico do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE). 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEOGRAFIA E ARQUITETURA DE MUSEUS: Identidades e Comunicação. **Anais do [...]**. Rio de Janeiro, 2010.

O'DOHERTY, B. **No interior do cubo branco**: a ideologia do espaço de arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PSARRA, S. **Architecture and narrative**: the formation of space and cultural meaning. London: Routledge, 2009.

PSARRA, S. Spatial culture, way-finding and the educational message: the impact of layout on the spatial, social and educational experiences of visitors to museums and galleries. In: MACLEOD, S. (Ed.). **Reshaping museum space**: architecture, design, exhibitions. London: Routledge, 2005. p. 78-94.

RANGEL, R. C. **Building-Specific**: sobre a relação entre obra de arte e arquitetura. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

RAZUK, A. **Adriana Varejão** – Por uma retórica canibal. Fotografias de Flávio Lamenha. São Paulo: Álvaro Razuk Arquitetura, [2019?]. Disponível em: <https://www.alvarorazuk.com.br/adrianavarejao-pe>. Acesso em: 12 jul. 2026.

SILVA, E. M. **Educação em museu**: a experiência do Museu do Homem do Nordeste. Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

NOTAS

¹ Texto originalmente publicado no 3º Simpósio Brasileiro de Sintaxe Espacial e selecionado como um dos melhores trabalhos do evento, tendo como premiação a publicação na íntegra na Revista PROJETER – Projeto e Percepção do ambiente, edição de setembro/2026. Versão revisada.

² Texto publicado originalmente en el 3º Simposio Brasileño de Sintaxis Espacial y seleccionado como uno de los mejores trabajos del evento, cuyo premio fue su publicación íntegra en la 'Revista PROJETER – Projeto e Percepção do Ambiente', edición de septiembre de 2026. Versión revisada.

³ Text originally published in the 3rd Brazilian Space Syntax Symposium and selected as one of the best works of the event, whose award was its full publication in the 'Revista PROJETER – Projeto e Percepção do Ambiente', edition of September 2026. Revised version.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.